



**Cadernetas agroecológicas e a valorização do trabalho das mulheres:  
reflexões das agricultoras do território do Cocais, no Piauí.**  
*Agroecological Booklets and valorization of womens's work: reflections by women  
farmers in territory of Cocais, in Piauí.*

PORTO, Thátilla<sup>1</sup>; MOREIRA, Sarah<sup>2</sup>; JALIL, Laeticia<sup>3</sup>

<sup>1</sup> PPGS/UFPI, thatilaporto@gmail.com; <sup>2</sup> CPDA/UFRRJ, sarahluiza1982@gmail.com; <sup>3</sup> UFRPE, laeticia.jalil@ufrpe.br

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** O presente trabalho relata a experiência de realização de oficina territorial realizada no município de Pedro II, no Piauí, Brasil, a partir de um projeto para trabalhar com mulheres do campo, das águas e das florestas na implementação das Cadernetas Agroecológicas em uma parceria da CONTAG com o GT Mulheres da ANA e a Fiocruz. Essa atividade proporcionou reflexões sobre como as mulheres e a sociedade veem o trabalho das mulheres e os desafios da visibilização e valorização tanto dos trabalhos domésticos e de cuidados quanto na produção de alimentos agroecológicas. A metodologia das Cadernetas Agroecológicas possibilita tanto com os registros cotidianos por parte das mulheres da sua produção para autoconsumo, doação, troca e venda, quanto através dos processos de formação-ação-reflexão que as mulheres valorizem seu próprio trabalho e fortaleçam seus processos de auto-organização.

**Palavras-Chave:** visibilização; valorização; feminismo; cadernetas agroecológicas.

#### **Contexto**

Este texto apresenta a vivência de um trabalho desenvolvido com mulheres trabalhadoras rurais e dirigentes sindicais de 04 localidades no Território dos Cocais, no Estado do Piauí. A experiência aconteceu na Escola Família Agrícola Santa Ângela - EFA, da Comunidade Lajedo, zona rural do município de Pedro II, Território dos Cocais, no Estado do Piauí.

Nos dias 05 e 06 de junho de 2023, aconteceu a Oficina sobre as Cadernetas Agroecológicas, realizada a partir do Projeto "Gênero, Quintais Produtivos e Desenvolvimento Territorial Saudável, sustentável e Solidário – Marcha das Margaridas 2023" e teve como objetivo debater com as participantes sobre a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres e como a Caderneta Agroecológica é uma metodologia que permite registrar, valorar e visibilizar sua produção agroecológica, a contribuição para a renda monetária e não monetária, as SSAN e agrobiodiversidade.

Esta atividade faz parte de uma ação conjunta realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores Familiares (CONTAG), o GT



Mulheres da Articulação Nacional da Agroecologia (ANA) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com apoio da Federação dos Trabalhadoras Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Fetag-PI), que contribuiu com a mobilização, disponibilizando de sua assessoria para dar suporte operacional e logístico para a oficina.

A oficina foi coordenada e conduzida pelas facilitadoras do GT Mulheres da ANA, sob supervisão da Fiocruz e colaboração da CONTAG. A mobilização e indicação das mulheres que participariam da oficina e do projeto ficou sob responsabilidade da Fetag-PI.

Para a atividade foram selecionadas participantes agricultoras familiares oriundas do movimento sindical rural dos municípios de Batalha, Piripiri, Lagoa de São Francisco e Pedro II. O território foi escolhido por ter uma diversidade de atividades desenvolvidas pelas mulheres na produção agroecológica e por contar com muitas lideranças femininas em um intenso processo de organização e mobilização para a Marcha das Margaridas no estado.

Vale destacar que as participantes ficaram 2 dias hospedadas na Escola Família Agrícola (EFA) de Pedro II, o que propiciou espaços de interação e troca de experiências entre elas, bem como sobre seus trabalhos, seus cotidianos, seus conhecimentos sobre o manejo de plantas e sementes, assim como momentos de lazer e descontração.

Durante os dias da atividade foram realizados momento de autoconhecimento, com a dinâmica “*o que eu vejo quando me olho*”, propiciando que as mulheres se olhassem no espelho, apontando como elas se viam e promovendo reflexão sobre suas vidas, trajetórias, histórias de superação e enfrentamento as diversas violências. Também houve visita ao quintal produtivo de uma das participantes e sua família, e passeio pelos pontos turísticos da cidade, que muitas delas, mesmo morando na proximidade do local, ainda não conheciam.

Ao conduzirem as atividades, as facilitadoras da oficina também permitiam que as participantes se organizassem de modo que elas mesmas conseguissem formular os seus questionamentos e suas respostas, tornando possível que esse momento pudesse contribuir para que as participantes aproveitassem o momento para repensar sobre suas realidades e pudessem vislumbrar caminhos de maior valorização do seu próprio trabalho, mais autonomia, liberdade e igualdade. A dinâmica também fortaleceu o diálogo de saberes entre as diversas participantes, contribuindo para a auto-organização das mulheres.

### **Descrição da Experiência**

Como o objetivo da oficina era proporcionar reflexões sobre o trabalho das mulheres, o momento inicial contou com a realização de rodas de conversa em grupos menores nos quais as participantes partiam das seguintes perguntas



orientadoras: “Como você, como mulher, enxerga o seu trabalho?” e “Como a sociedade enxerga o trabalho das mulheres?”. As conversas informais do cotidiano (SPINK, 2000), através dos subgrupos, fluíram e possibilitaram que elas compartilhassem vivências pessoais e impressões sobre a divisão sexual do trabalho, a invisibilidade e desvalorização das atividades desenvolvidas por elas, inclusive como agricultoras, o cansaço e a sobrecarga no dia a dia, mas também sobre suas estratégias de resistência.

No momento das apresentações dos trabalhos de grupos, algumas falaram do prazer e da satisfação ao realizarem seu trabalho na produção agrícola, nos cuidados com os animais, com as plantas e as sementes. Falaram do quanto consideram importante a ação que elas desenvolvem como dirigentes sindicais e a contribuição que têm dado para mostrar que as mulheres podem e devem estar onde quiserem, inclusive na política partidária, algumas delas tendo, inclusive, concorrido ao cargo de vereadoras em seus municípios. Outro elemento interessante do debate foi a afirmação de que o único trabalho que detestavam era o trabalho doméstico, por ser esse um trabalho desgastante, repetitivo e desvalorizado, “o trabalho começa pela manhã e entra pela noite”, além de ser considerado como obrigação delas (se não fosse elas, ninguém mais fazia).

Nesse contexto, elas refletiram coletivamente sobre o desafio da conciliação do trabalho fora com o trabalho dentro de casa. Algumas das participantes relataram que mesmo elas tendo alguma independência financeira, com sua renda própria oriunda de sua produção e atuação nos sindicatos, “não precisando mais ficar à mercê de outras pessoas da casa”, elas ainda enfrentam questionamentos dos maridos sobre a “manutenção do lar” e os cuidados com a família, além de demonstrarem incômodo com o fato de que elas terem renda maior que a deles. No entanto, elas têm clareza de que o bem-estar das famílias depende dos trabalhos que as mulheres desenvolvem, em toda sua diversidade, nesse momento é levado em consideração o “paradigma outro”, que leva em consideração a subalternidade (Mignolo, 2003, pag 28), na perspectiva decolonial.

Ao olhar para como a sociedade enxerga o trabalho das mulheres, elas observaram que o trabalho das mulheres só é visto se for realizado fora de casa, que mesmo com toda trabalhadeira que elas têm dentro de casa, elas só são consideradas relevantes se estiverem exercendo atividades fora de casa. No entanto, nem todos os trabalhos feitos fora de casa são considerados como “coisa de mulher”. Elas se referem ao fato de a política ainda ser vista como lugar de homem, fazendo com que elas ainda hoje sejam questionadas sobre o fato de ficarem tanto tempo fora de casa para participar de atividades formativas, capacitações, eventos fora do município ou até fora do estado. Na apresentação dos grupos, elas comentaram que são desqualificadas moralmente, chamadas de “sem vergonha”, são acusadas de traírem os maridos e de viverem na rua “atrás de macho”, expressão do machismo que as lideranças femininas vivenciam até hoje.



Com relação ao trabalho realizado por elas no campo, na produção de alimentos, as mulheres afirmaram que falta valorização e apoio tanto por parte do estado, que tem poucas políticas de apoio à agricultura, quanto pela sociedade, que, nos espaços de comercialização, questionam e querem colocar preço nos produtos fabricados por elas. Elas cobraram maior valorização e apoio por parte do poder público para o incentivo à produção e comercialização de produtos da agricultura familiar de base agroecológica, que deveriam disponibilizar locais de fácil acesso para que elas possam desenvolver suas atividades e vender seus produtos, assim como pagarem valores mais justos como os valores ofertados para Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Ao final desse momento, as participantes foram enfáticas ao afirmarem que elas podem e devem tomar suas próprias decisões, que não podem dar ouvidos à discriminação e devem se unir para “passar por cima de todas as formas de discriminação”.

Para encerrar a manhã, e em diálogo com as reflexões coletivas, foi apresentado o vídeo da Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico e entregues os cartazes da campanha “Direitos são para mulheres e homens, responsabilidades também”.

Continuando as reflexões iniciadas pela manhã, no turno da tarde foi utilizada a dinâmica do espelho, chamada “O que eu vejo, quando me olho”. Nesse momento, as mulheres fizeram uma fila e olharam, uma a uma, para um espelho, tentando responder à pergunta. Essa dinâmica oportunizou uma reflexão sobre autoestima, violência, trajetórias individuais, participação política e superações. A ideia era entender que estamos sob a cultura machista, racista, patriarcal e capitalista e que, a partir de estruturas de opressão, estamos todas sujeitas a violências. Assim, iniciamos a discussão sobre a importância da auto-organização das mulheres e da participação política. Esse momento foi muito forte, porque tivemos diversos relatos de violência sofrida pelas mulheres, mas também de superação das opressões, reforçando a importância da organização política e da ação coletiva das mulheres. O dia foi encerrado com um passeio para que as mulheres pudessem conhecer a cidade histórica de Pedro II, fortalecendo a relação pessoal e política do grupo, e propiciando um momento de lazer tão raro para elas.

No segundo dia, foram visitadas duas experiências de produção agroecológica: a primeira foi o agroecossistema da família de Dona Francisca, na comunidade de Cabral em Pedro II, e a segunda experiência da EFA de Pedro II, em um diálogo profundo entre produção agroecológica e educação contextualizada. As duas experiências nos possibilitaram fazer reflexões sobre a importância da produção agroecológica, saúde, o trabalho das mulheres, a agrobiodiversidade, segurança alimentar etc.

Na parte da tarde, foi feito o exercício de preenchimento das Cadernetas Agroecológicas, a partir das experiências visitadas, assim como foi apresentada a



metodologia do desenho dos mapas da sociobiodiversidade e da divisão sexual do trabalho, que faz parte da metodologia das Cadernetas. Ainda foram apresentadas as mobilizadoras que animarão as mulheres nos próximos 6 meses de anotações, foram construídos os acordos coletivos sobre as mulheres que fariam parte do projeto e tiradas dúvidas sobre o processo de preenchimento das cadernetas, os prazos de anotação e análise. Foi criado um grupo de WhatsApp para manter a todas conectadas e animadas.

Por fim, foi lançada a mobilização para a Marcha das Margaridas com uma fala da secretária de Mulheres da CONTAG, trazendo informações sobre a programação da marcha em Brasília e a importância de fortalecer os processos de mobilização pelo reconhecimento do trabalho e da contribuição social, política e econômica e dar força à luta das mulheres do campo, das águas e das florestas.



Abertura da oficina na EFA de Pedro II



Intercâmbio com a família de Dona Francisca, comunidade de Cabral em Pedro II



Intercâmbio na EFA em Pedro II

## Resultados

Como resultado desses dois dias de oficina, a partir da metodologia das cadernetas e dos debates sobre a importância de visibilizar e valorizar o trabalho das mulheres agricultoras familiares, foi possível perceber como os espaços de auto-organização das mulheres possibilitam que elas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências, conhecimentos e enfrentamentos.

A partilha de conhecimento e informações, tanto da vida delas como da produção que elas realizam, colabora com a construção social dos sentidos e identidades como mulheres, trabalhadoras rurais, agricultoras familiares.

Vimos como uma série de preconceitos e imposições da divisão sexual do trabalho ainda são recorrentes e cotidianas na vida das mulheres, mas também como os espaços de participação política e sindical são importantes para fortalecê-las como sujeitas donas de suas vidas e da história.

Os relatos das mulheres mostram como, mesmo frente a diversas situações de violência, opressão e discriminação, elas vêm conquistando e assumindo lugares de liderança, tornando-se referência de luta e resistência, em busca por autonomia econômica, liberdade e reconhecimento político.

Como parte da metodologia das Cadernetas Agroecológicas, as oficinas de formação possibilitam que as mulheres compreendam a importância das anotações de sua produção como um instrumento de reafirmação da importância de seus trabalhos e sua contribuição econômica para a vida de suas famílias e comunidades, para a segurança e soberania alimentar, bem como sirva para o fortalecimento da organização política das mulheres, rompendo com as diversas formas de opressão e superando as relações de desigualdade que ainda marcam suas vidas.

## Agradecimentos



Agradecemos às mulheres de Pedro II, Piripiri, Lagoa de São Francisco e Batalha, à Contag, Fetag-PI, ao GT Mulheres da ANA e à Fiocruz.

### Referências

MIGNOLO, Walter D. Mignolo. Prefácio. **Historias locais/diseños globales** Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. AKAL, 2003 Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/11-mignoloun%20paradigma%20otro.pdf>.

SPINK, Mary Jane (Ed.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2000.